

Domingo, 22 de Julho de 1956

RUBEM BRAGA

NA ARGENTINA

TIVE essa impressão muito nítida, mas costume desconfiar de minhas impressões; fui conferir com outras pessoas, e elas me deram razão: a gente de Buenos Aires está hoje muito mais cordial para com os brasileiros.

Conheço pouco a grande cidade; há dez anos passei ali três meses, e há um ano, ainda no tempo de Perón, uma semana. Sempre encontrei amigos, gente que me ajudou, que me convidou para sua casa, que me levou a ver alguma coisa que me interessava. Desta vez, porém, achei menos formalismo na hospitalidade, mais calor, mais afeto na acolhida. Fui muito bem recomendado e isso poderia explicar a gentileza realmente cativante com que me trataram os diretores dos dois grandes jornais e outros colegas, e também a gente do governo. Mas o interesse e o carinho do portenho comum, do homem da rua, pelo brasileiro, foi o que me chamou a atenção.

Haverá uma primeira explicação para isso: o pessoal dos hotéis, dos restaurantes e bares e das lojas comerciais teve, nos últimos anos, um contacto muito intenso com os brasileiros. Houve um tempo em que milhares de turistas de nossa terra chegavam ali toda semana para se divertir e fazer compras, aproveitando a boixa do péso; o mesmo agora o número desses turistas é bastante grande e um pouco por toda parte a gente ouve falar português. O brasileiro quando se pega no estrangeiro com dinheiro no bolso é um grande, um furioso comprador e, nos bares, restaurantes e buates, um consumidor insensato. O português ficou sendo assim, para os que servem nesses lugares, uma língua que dá dinheiro, uma língua de rico; e no mundo inteiro a gente só procura aprender a língua que dá dinheiro, a começar pela língua do dólar... Lembremos a velha expressão «falar inglês», no sentido de saltar a prata.

Mas isso não explica tudo. Não foi apenas entre garçons, mas entre a gente comum da classe média que encontrei mais ligação com o brasileiro, mais curiosidade e afeto pelas nossas coisas. É natural que o almirante Rojas, depois da entrevista que me concedeu, me fizesse um verdadeiro interrogatório sobre política e economia do Brasil, a ponto de, a certa altura, por brincadeira, eu lhe dizer que só poderia responder a determinada pergunta se ele me promettesse não publicar nada em seu jornal... O almirante viveu dois anos no Brasil e é realmente, sem fita, sem protocolo, assim como o presidente Arambúru, um amigo de nosso país. Mas a cordialidade que encontrei na massa do povo me parece ter uma explicação psicológica de desabafo, de libertação. Durante dez anos Perón insistiu demasiado em um xenofobismo que mal disfarçava, em uma exaltação nacionalista demagógica excessiva; explorou sempre o lado pior, mais barato, desse sentimento popular. Queriu fazer da Argentina um quartel de super-homens, destinados a dominar o Continente e depois decidir paradas universais. Derrubado o ditador, o argentino médio me parece ter prazer em recuperar a confiança e a cordialidade do mundo, em apertar a mão dos outros homens, em se reintegrar novamente, pela inteligência e pelo coração, na convivência da humanidade.

Saudemos essa atitude de espírito e de sentimento de grande nação, e façamos tudo para corresponder a ela, porque a amizade de uma Argentina e de um Brasil democráticos nos ajudará a resolver muitos problemas comuns, e é o melhor penhor de tranquilidade e progresso nesta parte do mundo.